Aula 7

O REGIONALISMO REVISITADO

META

Apresentar a obra de Francisco José da Costa Dantas, sob o enfoque regionalista.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
Efetuar análise de obras comentadas de Francisco José da Costa Dantas;
Reconhecer relações e analogias entre obras e o contexto histórico e social.

PRÉ-REQUISITO

Leitura prévia das aulas de Literatura Brasileira III - EAD-CESAD e as aulas anteriores deste curso.

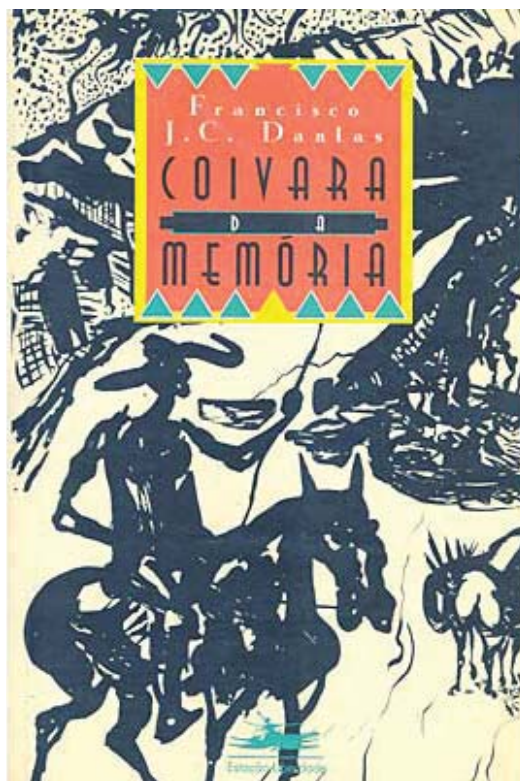
José Costa Almeida

INTRODUÇÃO

Caros alunos,

Dedicaremos esta aula ao estudo da obra do romancista sergipano Francisco José da Costa Dantas, centrando os comentários analíticos em duas obras: *Coivara da Memória* e *Os Desvalidos*.

Estudaremos, principalmente, a filiação dessas obras ao regionalismo brasileiro. Vamos demonstrar que a obra de Francisco Dantas contribuiu enormemente para alargar os horizontes dessa vertente narrativa, acrescentando-lhe procedimentos literários modernos e inovadores. A obra de Dantas ao fundir o relato de acontecimentos aos seus ecos na vivência psíquica dos personagens, ao harmonizar o social com o introspectivo, reinventa o regionalismo.

Francisco José da Costa Dantas nasceu em 1941, no engenho do avô, em Riachão do Dantas. Fez o Curso de Letras na UFS, o mestrado na Universidade Federal da Paraíba e o doutorado na USP. Foi professor da Universidade Federal de Sergipe. Publicou os seguintes romances: *Coivara da Memória* (1991), *Os Desvalidos* (1993), *Cartilha do Silêncio* (1997), *Sob o Peso das Sombras* (2004), *Cabo Josino Viloso* (2005). Dentre as várias premiações e honrarias, destaca-se o *Prêmio Internacional da União Latina de Escritores* (2000), pelo conjunto da obra, concorrendo com romancistas de prestígio internacional.

Capa do livro - *Coivara da Memória*

A OBRA REGIONALISTA DE FRANCISCO DANTAS

Francisco Dantas publicou seu primeiro romance – *Coivara da Memória*, em 1991. E foi acolhido com entusiasmo por alguns dos mais conceituados críticos literários do país. Foi aclamado como revelação da nova literatura brasileira. Obra de estreia não significa obra imatura. Coivara da Memória é recebida como obra de maturidade de um grande escritor que conquista espaço, no circuito dos grandes narradores, sem depender de apadrinhamentos e amizades, mas simplesmente pela força poética de sua linguagem e pelo competente manejo dos recursos narrativos já existentes. Francisco Dantas não é um romancista regionalista que se contenta em trilhar as veredas já conhecidas através de uma simples imitação. O famoso "romance de 30" de caráter realista / documental é ultrapassado pela prosa expressionista de Dantas. Os elementos da realidade física e humana são transfigurados pela força evocativa da memória. O enredo vai se compondo, aos poucos, num contínuo vai e vem ao sabor das lembranças e evocações. Engenho Murituba, avô e avó, árvores emblemáticas e pessoas que povoaram o passado do protagonista – narrador recuperam suas forças vitais na teia que vai sendo tecida pelos fragmentos da memória.

Vamos ler e comentar alguns trechos do romance.

TEXTO 1

Este quadrado de pedras é um retalho íntimo e rumoroso, onde lampadejam réstias e murmúrios, avencas e urtigas. Aqui encafuado, as juntas emperram, as têmporas pensam e o ânimo se amolenta, de tal modo que a cada nova semana vou ficando mais bambo das pernas e zonzo da cabeça. Contudo, até nas crises de maior desalento, nunca perdi o governo de todas as forças, a ponto de derrubar a cara no chão. Mesmo nas horas mais danadas, nas ocasiões em que perco o tino e tenho olhos de cegos para os meus próprios limites, parecendo até que vou emborcar de vez – de repente... egressas de bocas invisíveis, me chegam vozes que se arrastam do passado e me empurram para vida, onde outra vez faço finca-pé, retorço o espinhaço e sigo adiante pelejando com as energias que ainda restam.

Sob o abraço demorado destas paredes de barro e pedra fechadas sobre o meu destino, o único consolo que me sobra é a espetada de lembranças onde me afundo, desentranhadas das vísceras dos antepassados que ficaram grudadas nos olhos do menino. Bem que tenho tentado conviver apenas com as recordações agradáveis, mas, coitado de mim... Mal aprumo o espinhaço por conta do acalento que recebo delas, logo me vejo assoberbado por imagens inimigas e supliciado por uma expectativa inarredável que me espremem os miolos com uma impertinência diabólica. Seja como for, sem este vício de espichar os olhos para trás e catar num lote de coisas velhas as motivações que valem como socorro, certamente só restaria deste aqui um molengo lagarto sonolento, de beiço caído por um pedaço de sol.

TEXTO 2

Só agora vejo que esta barriguda, na sua austeridade sem atavios, tem mais de pé-de-pau do que propriamente de árvore. Esculpida a nós, esporões e forquilhas de esqueleto, só tem a mais, além do tronco abaulado, pequenos leques de folhas miúdas. Assim apartada de excessos de ostentação e esbanjamento, revela-se reduzida apenas ao essencial. Caminho sobre a renda exígua de sua fronde, e os pés descalços se arqueiam sobre as raízes salientes, apalpam a íntima substância seivosa que escorre pernas acima com heras e musgos que se largam dentro de meu corpo como um rio derramado. Abraço-me ao tronco áspero, bordado a ponto-cheio com esporões duros que me arranham as costelas. Lá bem no fundo, porém, sei quanto é dadivosa, aberta em estradas do melhor acolhimento. Esta carranca que exibe, este cenho rugoso e pregueado a modo de cara-feia, este modo asperamente oblíquo de recusar a mão ao caminheiro que chega aqui nada mais são, bem sei, sendo a máscara que dissimula as blandícias do coração generoso, astúcia encoberta de quem se preserva contra a mão do inimigo, armada a foice e machado: seus ferrões duros não procedem do âmago do peito; apenas se assentam na superfície da casca, inteiramente apartados de suas entranhas como um hóspede estrangeiro. Absorvendo a linguagem cifrada desta mestra centenária, é que me tornei suspeitoso como um bicho desagradado que espiona o mundo sob aguda carapaça de cacto.

TEXTO 3

Se no início do parágrafo procedente falei em diferenças, embora ainda sem pôr nelas a ênfase necessária, é porque também sei que me afasto desta gente rotineira – e isto evidentemente me agrada – me afasto, mesmo porque nunca pude me ajustar bem a serviços que se dobram e se desdobram no vaivém inalterável tão a gosto desta família, e que não erro se ajuntar que é mesmo o seu caráter mais típico. Até onde posso recuar, vejo que sempre me entediaram as brincadeiras amarradas que só puxavam pela cabeça do menino, enquanto o corpo todo permanecia parado que nem um pau-de-porteira, e os membros tolhidos pela câimbra. Só que naquele tempo não me deu conta de que este mal-estar era só meu, e de nenhum de meus primos; nem ninguém me abriu os olhos, e foi bom que fosse assim. Mais adiante, já maiorzinho e fornido, sensível ao faro que ajuda a evitar as mazelas que desagradam, fui aprendendo a escolher as coisas mais congruentes com o meu gosto, a fugir das obrigações encurraladas em círculos repetitivos, fechados para as estradas do mundo. Mas como o gosto que iam me infundindo era bem outro, e como neste século competitivo as escolhas que cabem a qualquer vivente são geralmente vasqueiras, do mesmo modo que todo acolhimento fraternal é doença ou ardil, mesmo que feito em nome de Deus – por tudo isso, e naturalmente por muitos outros motivos

e circunstâncias que daí decorrem, nem sempre pude abraçar as minhas preferências, não raro tragadas pela violência das imposições. Na verdade, conciliar o temperamento choco e subtraído que apanhei desses meus antepassados, com a ardência e desenvoltura da banda de meu pai – tem sido a minha peleja. E que peleja! Só ainda não arrebentei porque quando me toma a mais negra depressão por conta de temores e remorsos, não tarda a chegar, do lado oposto, um ente que me atiça uma profusão de devaneios com que saio do abismo e me entrego inteiro a seu mariposeio vertiginoso.

TEXTO 4

Perdido neste círculo de fogo e pedra onde se entrelaçam as idas e vindas de qualquer vivente, não vejo escapatória mais iluminada do que as maluquices de tio Burunga e as paixões de Lameu Carira, pedaços do roseiral de minha avó! Fora daí o que há são a sisudez de meu avô e os lamentos de Boi Menino, são as chagas de Garangó e a via-crúcis de João Marreco, essas vozes que me comovem e me largam aqui sozinho, escavando as raízes da barriguda, sem me deixar sequer as ilusões...

Nesta gangorra que não ata nem desata, vulnerável ao castigo que me aguarda, vou fenecendo dia-a-dia, sempre a vida mais encurtada, me arrastando a cuidar de processos de criminosos, de órfãos e de menores, de quem este Cartório é privativo. Apesar do adiantado da idade, é com estes deserdados de pai e mãe que mais me aparento. Gente inditosa, isolada contra o mundo nas dores e carências. Gente que espera e sangra, protegido da Justiça, conforme o Meritíssimo! Vou aqui me ralando apreensivo, querendo dos mortos uma resposta qualquer que me ilumine para o diabo do júri, após o que certamente continuarei a trilhar o mesmo caminho, me estraçalhando no círculo das noites insones, até o dia em que alguma coisa possa mudar; primeiro, por conta de Luciana; e só depois, dos mortos e dos vivos que puxam os cordões do meu destino.

Podemos observar em todos esses fragmentos as qualidades fundamentais da escrita e da narrativa do autor. O protagonista acusado do assassinato do tio de sua amante Mariana, está em prisão domiciliar, continuando a exercer a sua função de oficial de cartório. É desse espaço físico que narrador-protagonista faz constantes viagens ao passado, buscando não um tempo perdido, não um elo desfeito na corrente da vida, mas motivos para viver, seiva que o revitalize para enfrentar os obstáculos do presente. E é nessa constante escarafunda da memória que um ser vai adquirindo significação simbólica e se transformando num *leit-motiv* (motivo condutor – que volta sempre – um tema recorrente) a velha paineira.

> Desse modo, muitas vezes em que me deixei apanhar pelas rebordosas da vida, por conta de não ter sabido me desembaraçar convenientemente dos ardis enfiados no bocado que me coube – tive

> os passos de viandante conduzidos até a velha paineira do Engenho Murituba, onde buscava conforto contra as estrias de angústia que me rebentavam.

Pela força do muito recordar o narrador transforma a paineira num ser humano, com sentimentos maternos, fraternos, sempre acolhedores. Observem que o narrador refere-se constantemente ao ato de narrar, de compor suas memórias, questionando, algumas vezes, a eficácia do seu relato. Esse procedimento metaficcional afasta o autor da linha narrativa regional dos anos 30 e o insere na linhagem de um Guimarães Rosa, Clarice Lispector e Osman Lins. Além disso o arcabouço do romance neo-realista-documental é rompido pelo monólogo interior e pela introspecção. A recordação que resgata pedaços do passado transforma-o em ingrediente subjetivo de uma colcha de retalhos – a vida despedaçada do protagonista. Um ex-menino de engenho.

Em *Os Desvalidos* (1998, Francisco Dantas reafirma suas qualidades de escritor e de narrador. De acordo com Alfredo Bosi

> A sua prosa alcança o equilíbrio árduo entre a oralidade da tradição, cujos veios não cessa de perseguir, e uma dicção empenhadamente literária que modula o fraseado clássico até os confins da maneira. Os resultados excelentes provam o acerto da escolha. Quando a extrema condensação da experiência acende a faixa do imaginário, a dureza do real suscita as fantasias da compensação. Então o bruto matador conhece o mistério da comunhão amorosa; então o tropeiro mísero se refaz antigo cavaleiro armado. A esse ponto sobre a arte realista e poética de Francisco J. C. Dantas. *Os Desvalidos: um livro raro, um texto inspirado, uma obra de caráter.* (CONTRACAPA DO LIVRO)

O personagem central desse romance – Coriolano – é um exemplo típico de um homem desvalido. Todas as suas tentativas de se firmar economicamente na vida foram frustradas: herdou a botica – em que remédios eram produzidos pelo próprio dono, usando ervas da região – surgiu uma farmácia moderna, com remédios químicos que ganhou a preferência popular: passou a fazer bala de mel – apareceu a rapadura de Robertão, com uma concorrência desleal; tornou-se seleiro – apareceram as selas de Jequié que fizeram sucesso. Finalmente, passou a trabalhar como artesão ambulante – se encontrou com gente perversa, inclusiva com Lampião. Dificuldades, obstáculos intransponíveis acompanharam-no por toda a vida.

Nesse romance, o narrador é heterodiegético (narração em terceira pessoa) com foco na mente de personagens: Coriolano e Lampião. Utilizando o monólogo interior, o discurso indireto livre, o narrador exterioriza sentimentos, ressentimentos, reflexões, desejos e frustrações dos personagens principais.

Vejamos neste fragmento a mistura de vozes que caracteriza o discurso indireto livre:

> Coriolano ainda não veio à tona, e meio entorpecido no pano da rede, vai sendo carregado por um barrufo trevoso que lhe dilui as imagens em entontecida bambeza. Revê o burrão preto de Lampião tinindo os cascos no alpendre do Aribé, os olhos se envidrando na caixinha de Felipe. Escuta um arrastar de alpercatas nos tijolos, o tiraço repartido de terrível mosquetão. Zerramo avança de lambedeira na mão com uma coragem selvagem. Este sim, que é homem de dar fama a cemitério! Coriolano gemebundo coça a perna, viaja nas maluqueiras amolentadas de sono. Coragem não se fabrica, é uma doidura que se desata de dentro, sim senhor, mas vai largar os ossos no Aribé, que não é besta de passar a vida toda esbagaçando os dedos pra calçar os pés dessa gentinha miúda, nem vai dar o gosto de que o vejam a dar o couro às varas sem subir de posição. Não vou me findar nesta miséria! Deus que nos perdoe a soberba, mas nem no céu quero entrar de tamanqueiro! Se o preço for esse, minha gente, e melhor perder a salvação! (p. 18)

A presença da primeira pessoa, misturando-se à voz do narrador pode ser percebida nas frases:

> "Deus que me perdoe..."
> "Não vou me findar..."
> "nem no céu que entrar"

E é responsável pela revelação das vivências psíquicas do personagem. Essa combinação do introspectivo com o social alarga os horizontes da tradicional narrativa regionalista.

O autor, nessa obra, realiza um trabalho de intertextualidade. As três partes que compõe o romance recebe denominações que remetem a canção de gesta – medievais e a literatura de cordel. Vejamos:

Primeira parte – *O Cordel de Coriolano*
Segunda parte – *Jornada dos pares no Aribé*
Epílogo – *Exemplário de partida e de chegada.*

No *cordel de Coriolano* – o personagem demonstra seu conhecimento de literatura popular...

> E desbandeirou a devorar a estante do tio, mormente o cancioneiro de Romano da Mãe d'Água, Inácio da Catingueira, Fabião das Queimadas. E tinha mais! Ventania, Manoel Cabeceira, Germano Leitão, afamado campeão nos versos – de-dez-pés, e Gomes de Barros... (p. 26)

E sonhava relatar as aventuras de seu tio Filipe em Cordel:

> Não serve nem pra botar tio Filipe no papel, as mulas chapeadas a rigos cascos lhe servindo de lição para compor as durezas, a leveza da perninha enganchada na voz que seduzia. Mas eita pega! Não ter tutano pra passar à frente a tocha do que aprendeu a preço da própria vida: Nem sequer um trechinho bem arranjado! Nem unzinho! E imaginar que se prometera fazer uma história fornida como um cerno de aroeira, e recheada de suco. (p. 121)

Mais uma frustração na vida de Coriolano.

Na verdade, ao fazer essas referências a uma literatura marginal, em relação à erudita, o autor reconhece o valor cultural dessa prática artística e revela a profunda sintonia que há entre o cordel e a situação de desvalimento do pobre nordestino.

Lampião aparece nessa narrativa sob dois ângulos de visão. O romance começa com o anúncio, em tom festivo, da morte de Virgulino. Coriolano que perdera dois amigos num confronto com o famoso cangaceiro e abandonou sua propriedade no Aribé com medo dele, compara-o ao próprio diabo:

"... morre o peste cego!"
"Toma lá, satana dos infernos".

Mas o narrador focaliza a interioridade de Lampião e revela as suas reflexões

> Em vez de inventarem malvadezas que nunca fiz, esta raça de violeiro e cantador de embolada devia botar em verso era o meu lote de tanto beneficio. Certo que também já matei muito, pintei e bordei em trecho de rua e de caatinga – mas tudo isso, meu povinho, pela mantença do cangaço, que é quem dá talho na casa da injustiça, pune a soberba dos grandões, e empata a gente de morrer, quer de fome, quer de bala. Decerto é minha fama que pega raiva nas criaturas que não aturam ver pobre livre e sem canga, pior ainda passando rasteira nelas. Olhe aí o invejão:" (p. 181)

Talvez seja *Os Desvalidos* – o primeiro ou até mesmo o único romance brasileiro a tratar Virgulino Lampião como um ser humano. Misto de bandoleiro e de justiceiro. Um ser contraditório como todos nós. Vimos no trecho transcrito um Virgulino diferente e humano, revelado em sua interioridade. É claro que é ficção, mas muitas vezes se aproxima mais do real e da verdade do que os discursos oficiais. O cangaceiro também é um desvalido.

Concluímos essa apresentação da vertente regionalista nas duas obras iniciais de Francisco J. da Costa Dantas, citando novamente Alfredo Bosi.

> Esculpir a figura da dignidade na matéria do sertanejo nordestino: eis uma das conquistas maiores deste romance de Francisco J. da Costa Dantas. Dessa matéria (o interior de Sergipe em tempo de cangaço) pode-se dizer que é pobre e rica. Pobre, até mesmo ingrata, se avaliada pela escassez dos seus meios de vida e pelos estigmas de séculos de exploração feroz. Mas rica, quando contemplada na sua trama de sentimentos, visagens, sonhos e falas que o narrador atento repisa e inventa. (CONTRACAPA – OS DESVALIDOS)

ATIVIDADES

Faça uma leitura do romance *Os Desvalidos*, em qualquer edição, em seguida:

a) Elabore um texto dando conta do enredo da obra.
b) Relacione narrador heterodiegético com a focalização interior de personagens.
c) Demonstre que o romance se enquadra num novo regionalismo.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

a) Vocês sabem como escrever resumo de uma narrativa. Nesse caso, considere os principais momentos da vida de Coriolano: as tentativas frustradas de exercer uma função rentável; sua relação com o tio Filipe e com Lampião.
b) Releia passagens dessa aula em que nos referimos ao discurso indireto livre e pesquise em outros livros ou na *internet* a respeito do assunto.
c) A resposta se encontra disseminada nessa aula, releia-a.

CONCLUSÃO

A vertente regionalista do romance brasileiro tem uma longa história. Começou no Romantismo e tem-se mantido como um dos veios mais profundos da nossa literatura. Na década de 30 – do século passado, atingiu seu momento de maior glória e sucesso. Praticamente, só as narrativas que tematizassem aspectos regionais, principalmente, os nordestinos eram vendidos em sucessivas edições. Já os romances de filiação introspectiva permanecem, ainda hoje, nas primeiras edições. Não vamos discutir aqui os fatores que contribuíram para essa situação.

O fato é que o regionalismo retorna com muita força no final do século XX. Vimos que a obra do sergipano Francisco José da Costa Dantas trouxe uma contribuição muito grande para revitalização dessa vertente. O regionalismo presente em sua obra se mostra muito mais complexo e profundo, ao valorizar a repercussão, as consequências das vivências sociais na interioridade dos personagens. Inova também no relacionamento da linguagem literária, fruto de uma recriação do autor, com a realidade que nela se expressa. Dantas não reproduz os lugares comuns e os clichês encontrados nos típicos romances regionalistas de outras épocas.

Poderíamos ainda citar outros autores recentes ou atuais que produziram ou estão produzindo narrativas regionalistas no Brasil: Carmo Bernardes (1915-1966), com a obra *Jurubatuba*, principalmente, que documenta de maneira magistral "um cenário fiel de costumes, paisagens, tipos, processos" e falares do planalto central; Tabajara Ruas com seus romances que reescrevem a história do Rio Grande do Sul, principalmente, - *Os Varões Assinalados* – o grande romance da Guerra dos Farrapos. E muitos outros e de todas as regiões do país.

RESUMO

Nessa aula, nós estudamos duas das obras de Francisco Dantas: *Coivara da Memória* e *Os Desvalidos*. Privilegiamos o aspecto inovador do seu regionalismo. Os personagens são vistos não só em seu relacionamento com o meio condicionador, mas principalmente, como eles reagem interiormente. Como se angustia e se desespera pela sua impotência para alterar o rumo traçado pelo destino. E a complexidade dos sentimentos, dos ressentimentos, das silenciosas revoltas que confere profundidade humana e artística às suas criaturas, personagens, e à sua obra de ficção. Citamos outros autores regionalistas que podem ser estudados pelos discentes interessados.

PRÓXIMA AULA

A Problematização da Identidade em *Quarup* de Antônio Calado e em *Viva o Povo Brasileiro* de João Ubaldo Ribeiro.

AUTOAVALIAÇÃO

- Posso reconhecer nas obras estudadas de Francisco Dantas – *Coivara da Memória* e *Os Desvalidos* as marcas de sua originalidade?
- Sua contribuição para a renovação da narrativa regionalista brasileira?
- Posso expressar isso em texto de até 10 linhas?

REFERÊNCIAS

BERNARDES, Carmo. **Jurubatuba**. Goiânia: UFG, 1997.
BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira.** São Paulo: Cultrix, 1994.
DANTAS, Francisco J. da Costa. **Os desvalidos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
_______. **Coivara da memória.** São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
RUAS, Tabajara. **Os varões assinalados.** Porto Alegre: LDPM, 2008.